

A CONSTRUÇÃO DE (RE)EXISTÊNCIAS NA PSICOLOGIA A PARTIR DE MULHERES PRETAS PSICÓLOGAS

TAINÁ VALENTE AMARO¹;
AMANA ROCHA MATTOS²

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro – tainaamaro88@gmail.com

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro – amanamattos@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como inquietação mapear e compreender as trajetórias e estratégias de (re) existências que têm sido criadas por psicólogas negras da cidade do Rio de Janeiro, assim como, perceber de que forma o racismo incide sobre a construção de suas humanidades. Nele busco construir novos conhecimentos através e nas relações com meus pares, assumindo o desafio também de repensar e refletir sobre a minha própria prática e construção enquanto pesquisadora.

Como objetivo procuro analisar quais estratégias de (re)existência têm sido criadas coletiva e individualmente por essas mulheres negras psicólogas diante a uma profissão elitizada e que segue lógica colonial de subalternização de pessoas negras.

O racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural (MUNANGA, 2003). No Brasil, a raça branca tem poder e dominação política e é considerada essencialmente superior, enquanto as raças não brancas são consideradas essencialmente inferiores.

Bairros (1995) destaca que para pessoas negras é necessário questionar também a sustentação do patriarcado não apenas porque a dominação patriarcal corrobora com relações de poder nas esferas pessoal interpessoal e íntimas, mas também porque o patriarcado se sustenta em bases ideológicas semelhantes às que permitem a existência do racismo, a crença na dominação construída com base em noções de inferioridade e superioridades.

Outro braço do racismo é o epistemicídio, teorizado principalmente por Sueli Carneiro, é a imposição e valorização de um conjunto de conhecimentos, eurocêntricos, brancos, masculinos, que então passa a ser hegemônico e visto como universal, enquanto outros conjuntos de conhecimentos, são invisibilizados, discriminados e desqualificados ou mesmo absorvidos, utilizados apropriados, roubados e utilizados como se fossem criados por pessoas brancas (CARNEIRO, 2011).

Para Akotirene (2018) a interseccionalidade nos auxilia a compreender a inseparabilidade estrutural do racismo, cisheteropatriarcado, capitalismo e as articulações decorrentes desses sistemas, que imbricados repetidas vezes colocam as mulheres negras mais expostas e vulneráveis aos trânsitos destas estruturas. A autora alerta também sobre o esvaziamento do termo, uma vez que para falar sobre interseccionalidades é necessário trabalhar a origem das opressões e propostas epistemológicas de mulheres negras.

Atualmente o que tange aos cursos de Psicologia em universidades públicas, eles são planejados e ofertados em turno integral ou diurno, dificultando o ingresso de pessoas que necessitam trabalhar para a manutenção da própria formação, especialmente de mulheres pretas. A psicologia foi, e ainda é



considerada um locus da branquitude, um campo profissional potencializador do processo de desumanização e inferiorização de pessoas pretas, no momento em que nega e exclui e suas epistemologias e reproduz o modelo ocidental de ser e estar no mundo enquanto padrão de normalidade.

Neste contexto, a psicologia possui dados importantes para as teorias de gênero/sexo, pois é uma profissão exercida predominantemente por mulheres, totalizando 84,7% (CFP, 2018). Porém poucos questionamentos e discussões são feitos sobre a raça/cor dessas psicólogas. Nos últimos dados do Conselho Federal de Psicologia 67% das psicólogas brasileiras entrevistadas afirmaram ser de raça ou cor branca, 28% se declararam negras (pretas e pardas), 3% amarela e 1% indígenas (LHULLIER; ROSLINDO, 2013).

No I Encontro Nacional de Psicólogos/as Negros/as e Pesquisadores/as sobre Relações Interracialis e Subjetividade no Brasil (PSINEP), em 2010, os/as participantes elaboraram uma carta aberta onde apontam o desinteresse da psicologia brasileira pela temática das questões raciais e ressaltam que suas práticas atuais demonstram omissão frente aos aspectos subjetivos decorrentes dos mecanismos de violência sistemática operada pelo racismo.

Ressalta-se a importância do envolvimento da psicologia no campo político, profissional e acadêmico para a superação da sua condição racista e elitista, e sua responsabilidade ética na produção de conhecimento sobre os impactos do racismo sobre as dimensões psíquicas e sociais de homens e mulheres negros/as. Assim, é imprescindível fomentar as discussões sobre raça dentro da psicologia brasileira, pela pouca produção de trabalhos na área científica sobre essa temática e como forma de contribuir para uma maior visibilidade e reflexão dos efeitos psicossociais do racismo como fatores de sofrimento psíquico.

As poucas produções sobre raça na Psicologia parte principalmente de intelectuais negras e é elas que destaco, pois como aponta Audre Lorde (1979) “as ferramentas do Senhor nunca vão desmantelar a casa grande” a autora discute a importância de avaliar criticamente as ferramentas teóricas e técnicas que estão à disposição na academia, analisando o que realmente serve a emancipação e na engabelação.

A intelectual negra não é uma condição atrelada a títulos acadêmicos, pode ser inclusive alguém que não teve educação formal mas que desenvolve análises utilizando epistemologias próprias, que inclusive desafia as próprias bases do discurso intelectual padrão. Como a produção de Conceição Evaristo (2008) que cunha o termo *escrivência* de mulheres negras para descrever o estilo de expressão e resistência baseado nos referenciais próprios.

O lugar social destinado às pessoas negras na sociedade brasileira são os sub-empregos. A mulher negra destina-se a profissão de doméstica, a criação da mulata e da doméstica fez-se a partir da figura da mucama, a doméstica nada mais é do que a mucama permitida a dar prestações de bens e serviços E é nesse contexto que podemos constatar que somos sempre vistas como domésticas, independente da classe social que estamos, espera-se sempre que estejamos para servir as pessoas brancas. (RIBEIRO, 1995).

E, na medida em que subimos degraus, alçamos voos, chegamos a espaços não destinados a nós, como a academia e o curso de Psicologia, o racismo torna-se evidente nas oportunidades ou ausência de oportunidades tanto acadêmicas quanto profissionais vivenciadas por mulheres pretas psicólogas. Racismo evidenciado durante o acesso ou no não acesso a lugares, espaços, territórios que historicamente possuem hegemonia branca, e na imposição de “ser a melhor”, uma vez que mulheres que não se encaixam no padrão hegemônico eurocêntrico de corpo e não se encaixam no estereótipo hegemônico de psicóloga

- de mulher branca, se obrigam a ocupar uma posição de destaque, pois a todo momento as práticas racistas ressaltam que esse não é um lugar delas, para permanecerem precisam ser “melhores”.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de mestrado de caráter qualitativa, cuja análise será realizada a partir de teorias interseccionais negras (CRENSHAW, 2002). Inicialmente foi realizado o mapeamento das redes/coletivos existentes e atuantes no Rio de Janeiro. Posteriormente serão realizadas entrevistas semi-estruturadas com mulheres negras psicólogas participantes destes movimentos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Algumas iniciativas marcaram a organização de psicólogos negros em âmbito nacional, como a Articulação Nacional de Psicólogos(as) Negros(as) e Pesquisadores(as) Sobre Relações Raciais e Subjetividade, que realizou o I Encontro Nacional de Psicólogos(as) Negros(as) e Pesquisadores(as) sobre Relações Interraciais e Subjetividade no Brasil, em São Paulo no ano de 2010 - PSINEP. Assim como: A Rede Dandaras - rede de saúde voltada ao acolhimento de mulheres pretas - com intuito de articular, fortalecer a rede e promover saúde entre as mulheres pretas, a qual criou no ano de 2017 um Mapeamento de Psicólogas Negras no Brasil; o Grupo público no Facebook, Afro Terapeutas, que possui mais de mil membros - criado como uma rede de profissionais e estudantes pretas e pretos atuantes na área da saúde, o grupo possui anúncio de centenas de pessoas pretas divulgando e procurado serviços psicológicos.

No Rio de Janeiro temos: a rede PapoPretas com o foco na saúde e bem-estar da mulher preta, que se propõe a fazer um trabalho psicoterapêutico unindo a estética e estratégias de enfrentamento ao racismo; O espaço Terapretas Terapias Naturais do Rio de Janeiro, que possui um grupo de mulheres pretas psicólogas, onde além do atendimento clínico, realizam práticas não convencionais de saúde; o Coletivo Negro Conceição Chagas de Psicologia da Baixada Fluminense, criado por sete profissionais psicólogos e psicólogas negros/as, moradores e atuantes de diversos locais da Baixada Fluminense, como Duque de Caxias, Belford Roxo e Nova Iguaçu; e O Com-por Pretas é uma proposta de cuidado terapêutico de mulheres negras para mulheres negras, onde os sofrimentos singulares endereçados a nós, possam ter um outro olhar, escuta e acolhimento.

4. CONCLUSÕES

Mesmo diante de adversidades e sofrimentos produzidos pela matriz colonial de poder que insiste em nos impor a não-humanidade, (re)existimos e criamos estratégias de afirmação de nossa presença preta na universidade, na clínica, em todos os espaços que julgamos necessário. (Re)existimos com a força do coletivo, da família, da comunidade. A partir de questionamentos sobre a presença de pessoas pretas no campo da Psicologia, psicólogos e psicólogas pretas foram construindo espaços e redes para pensar e discutir sobre uma Psicologia Antirracista e que considere elementos tradicionais da matriz civilizatória africana como promotoras de saúde mental, como refere Alves (2012).

Estas redes, em sua maioria iniciativas de mulheres pretas, sinalizam que psicólogos e psicólogas pretas estão se voltando para a saúde da população

preta e que clientes/pacientes pretos e pretas têm, cada vez mais, buscado atendimento com profissionais pretos. Articulações em rede que podem potencializar o compartilhamento de informações e a articulação política e científica no campo da Psicologia.

Não obstante, necessitamos de estudos sobre essas redes e seus processos organizativos, seus significados e pertinência no cuidado com a saúde mental da população preta, bem como, sobre as trajetórias de homens e mulheres pretas que passaram a constituí-las. Estudos protagonizados por pesquisadores e pesquisadoras pretas, cujo propósito seja subverter a lógica colonial da ciência moderna – que sempre nos colocou no lugar de objeto de estudo –, com vistas construir uma relação sujeito-sujeito na produção do conhecimento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. O que é interseccionalidade? Rio de Janeiro: Editora Letramento, 2018.

ALVES, Míriam Cristiane. Desde Dentro: Processos de Produção de Saúde em uma Comunidade Tradicional de Terreiro de Matriz Africana. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Psicologia, Rio Grande do Sul, 2012.

BAIROS, Luiza. Nossos Feminismos Revisitados. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, ano 3, nº 2, 1995, pp.458-463 [https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/16462/15034].

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdades no Brasil. São Paulo. Selo negro, 2011.

CFP - Conselho Federal de Psicologia. Resolução. A Psicologia brasileira apresentada em números. Infográfico desenvolvido pela Gerência de Tecnologia da Informação do CFP. Disponível em: <<http://www2.cfp.org.br/infografico/quantos-somos/>>. Conselho Federal de Psicologia - CFP. A Psicologia brasileira apresentada em números. Disponível em: <<http://www2.cfp.org.br/infografico/quantos-somos/>>. 2018.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.

LHULLIER, L.A; ROSLINDO, J.J. As psicólogas brasileiras: levantando a ponta do véu. In: LHULLIER, L.A. **Quem é a Psicóloga Brasileira: mulher, psicologia e trabalho**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, CFP, 2013, 19 - 52. Disponível<site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/07/Quem_e_a_Psicologa_brasileira.pdf>.

LORDE, Audre. As ferramentas do mestre nunca irão dismantelar a casa do mestre. Conferência do New York University Institute for the Humanities (1979). In: Geledés, 2013. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/mulheres-pretas-ferramentas-do-mestre-nunca-irao-desmantelar-a-casa-do-mestre/#gs.3XxhJVs>.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia, III Seminário Nacional sobre Relações Raciais e Educação- Penesb, Rio de Janeiro, 2003.